

Maria José Teixeira Batista Filha
Maria Lucia Ribeiro da Silva Martins
Valeria Maria Gomes Guimarães

Mãos que constroem vidas

Relatos de experiências



IFPB
João Pessoa
2012

Maria José Teixeira Batista Filha
Maria Lucia Ribeiro da Silva Martins
Valeria Maria Gomes Guimarães

Mãos que constroem vidas

Relatos de experiências

IFPB
João Pessoa
2012

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

INCUBADORA TECNOLÓGICA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

Diagramação, Ilustração da capa e concepção da capa: Catiuscia Ribeiro da Silva Martins

Revisão ortográfica: Maria do Socorro Burity Dialectaquiz

Distribuição Gratuita

Tiragem: 1000 Exemplares

Impresso no Brasil/Printed in Brasil

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte. Esta publicação contou com o apoio financeiro da Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP, através do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares - PRONIINC

Impressão:  **Defainer**
produções
produzindo a sua imagem

www.defainer.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB

33: 316

B333m

Batista Filha, Maria José Teixeira.
Mãos que constroem vidas: relatos de experiências / Maria José Teixeira Batista Filha, Maria Lucia Ribeiro da Silva Martins, Valeria Maria Gomes Guimarães. – João Pessoa: IFPB, 2012. 80 p.

1. Economia solidária. 2. Incubação. 3. Grupo produtivo. 4. Empreendimento solidário. I. Martins, Maria Lucia Ribeiro da Silva. II. Guimarães, Valeria Maria Gomes. III. Título.

Dedicamos este livro as protagonistas desta história: “Mulheres de Coragem”, “Mulheres de Mãos Dadas”, “Mulheres pescadoras da Ribeira” e “Mulheres Mil/2011”.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas que de forma direta e indiretamente contribuíram para a concretização deste livro. Em especial agradecemos a todas as mulheres que protagonizaram esta história.

Sumário

Apresentação

1. Introdução	11
2. Um outro modo de fazer, de ser e de acontecer: "Uma outra economia acontece"	15
3. Conversando sobre o IFPB: um breve histórico da Instituição.....	19
4. Incubadora Tecnológica: um desafio trabalhar na perspectiva da economia solidária.....	27
5. Ralatos de Experiências:	33
5.1 - Mulheres de Coragem do Engenho Velho	35
5.1.1 - A história do bairro	35
5.1.2 - As Mulheres de Coragem	38
5.1.3 - Resultados	43
5.2 - Mulheres de Mãos Dadas do Bairro São José	49
5.2.1 - A história do bairro	49
5.2.2 - Bairro São José - Promessa para dias melhores	53
5.2.3 - Mulheres de Mãos Dadas - Esperança	54
5.2.4 - Resultados	57
5.3 - Novo Grupo vem surgindo... As pescadoras da Ribeira	59
5.3.1 - No desenvolvimento da história: Conhecendo um pouco sobre Ribeira e sobre o grupo	59
5.3.2 - Construção de um caminho de possibilidades, visibilidade e grandes desafios: atuação da INCUTES	62
5.3.3 - Um rápido mergulho na história do Município de Santa Rita/PB	65
5.4 - Mulheres Mil	69
5.4.1 - Origens	69
5.4.2 - INCUTES - mediações	72
6. Considerações Finais	75
7. Referências	77

Apresentação

A presente publicação resulta do projeto de extensão desenvolvido pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, intitulado: Projeto de Criação de Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários, aprovado pelo Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC, com apoio da FINEP, MTE / SENAES e em parceria com a FUNETE/PB.

Tem como objetivo divulgar as ações de incubação executadas durante a realização do referido projeto, que tem como foco apoiar e assessorar grupos produtivos na perspectiva da economia solidária.

A produção desse trabalho assenta-se no desejo coletivo de seus participantes de mostrar que diante das atrocidades impostas pelo mundo do trabalho, em que só algumas pessoas estão inseridas, uma outra economia é possível existir, dentro de princípios democráticos, de respeito à natureza e de valorização do trabalho humano.

Esperamos demonstrar com as experiências vivenciadas e relatadas neste ensaio que a existência de uma Incubadora com esse perfil em um Instituto de Tecnologia representa, além da efetivação do compromisso social da instituição, a abertura de espaços para se pensar em uma tecnologia diferente daquela usualmente adotada, porque agora estamos falando em uma tecnologia social.

Coordenadoras
da INCUTES

1. Introdução

Este livro apresenta uma proposta instigante e inovadora, no mínimo, em dois aspectos: na temática central que trata da criação de uma incubadora tecnológica de empreendimentos solidários com relatos de experiências, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (antes Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba), com prática e vivência histórica seculares na formação de profissionais para atuação no mercado de trabalho, dentro da Economia Capitalista.

O segundo aspecto é no tocante à introdução da discussão dos pressupostos teóricos e práticos que perfazem a Economia Solidária no cotidiano da Instituição. Sendo este aspecto mais inovador e, de certa forma, transgressor, diante da quebra de paradigmas sedimentados na Instituição.

De acordo com Paul Singer (2002,p.10)

o capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual. A aplicação destes princípios divide a sociedade em duas classes básicas: a classe proprietária ou possuidora do capital e a classe que (por não dispor de capital) ganha a vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe. O resultado natural é a competição e a desigualdade. A economia solidária é outro modo de produção cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do

capital e o direito à liberdade individual. A aplicação destes princípios une todos os que produzem numa classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade.

Ainda nesta linha de pensamento, Antônio David Cattani (2003,p.9) reforça afirmando que “a economia capitalista precisa ser superada. Sob todos os aspectos, ela é predatória, exploradora, desumana e, sobretudo, medíocre, não correspondendo mais às potencialidades do tempo presente.”

Boaventura de Sousa Santos em Produzir para Viver – os caminhos da produção não capitalista (2003), nos chama atenção quando diz que o nosso tempo é um tempo paradoxal. Ao mesmo tempo em que vivemos um avanço vertiginoso, avassalador e de transformações intensas na informação e na comunicação, verdadeiras revoluções da eletrônica, da genética e da biotecnologia, vive-se um tempo de inquietações e de graves regressões aos males sociais que pareciam superados tais como: regresso da escravidão, do trabalho servil, da vulnerabilidade. Há doenças graves como tuberculose, que parecia erradicada, doenças novas de proporções pandêmicas assustadoras, como o HIV/AIDS. Outras questões, podemos acrescentar nesta linha de pensamento deste autor, o regresso fortemente demonstrado do racismo, da intolerância religiosa, da diversidade sexual; o desrespeito às

diferenças, e outras formas de preconceito e discriminação.

Ainda, conforme este mesmo autor, o paradoxo está justamente nas condições técnicas de se cumprirem as promessas de modernidade ocidental, por um lado, como promessa de liberdade, de igualdade, de solidariedade e de paz, entretanto, por outro, evidencia-se, cada vez mais, que tais promessas nunca estiveram tão longe de serem cumpridas como na atualidade. Isto diante das complexidades em questões atuais. Daí, diz o autor, entender que está em causa a própria reinvenção da emancipação social.

Diante disto, a Instituição cumprindo seu papel social e imbuída de espírito transformador cria alternativas de inserção no mercado de trabalho, numa outra economia, possibilitando não só àquelas pessoas alijadas do processo produtivo capitalista, mas também as que queiram enveredar por novos caminhos, gerirem seus próprios negócios.

Assim, o livro mostra-se dividido em apresentação e seis partes, contribuindo com a compreensão da proposta: a primeira, introdutória, explicativa do que virá e, ao mesmo tempo, instigante, provocativa no sentido de propor uma leitura prazerosa; A outra segunda parte, abordamos um breve relato, conceituando a economia solidária e seus princípios e valores que alicerçam a vivência desta outra economia.

Na terceira parte apresentamos uma conversa sobre um pouco da história da

Instituição contextualizada com os novos paradigmas, os novos cenários, dentre estes o desejo de caminhar com a economia solidária.

Na quarta parte, apresentamos todo o processo de criação da incubadora tecnológica, seus objetivos e suas características, além da demonstração dos passos dados até os dias atuais, enfatizando os desafios enfrentados;

Na quinta parte, preocupamo-nos com o desvendar as ações realizadas nos grupos sociais produtivos inseridos na incubadora, com relatos sobre a história de cada grupo, do lugar em que vive, seus contextos históricos, suas atividades e depoimentos;

Na sexta e última parte, discutiremos as nossas considerações finais, apresentando a nossa visão quanto a esta nova proposta de atuação da Instituição, vislumbrando novas perspectivas de futuro da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários, dentro do contexto escolar profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

2. Um outro modo de fazer, de ser e de acontecer: “uma outra economia acontece”

O que é economia solidária?

De acordo com o Manual para Formadores – Descobrimos a outra economia que já acontece, e a Cartilha produzidos conjuntamente pelo Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, pela Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, e pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES (2007), dentro da Campanha Nacional de Divulgação e Mobilização Social, define-se a Economia Solidária como "um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver". Nela não existem pessoas exploradoras nem exploradas, pois as relações acontecem alicerçadas na cooperação, no fortalecimento do grupo, nas comunidades, no trabalho coletivo, na autogestão, na distribuição da riqueza produzida, na preservação da natureza e no bem coletivo e individual.

Diferentemente da economia capitalista, a economia solidária é regida por outros valores isto é: autogestão, cooperação, democracia, solidariedade, respeito à natureza, valorização e promoção da dignidade do trabalho humano, tendo como princípios:

1)Autogestão:

As decisões são tomadas coletivamente e de forma participativa, eliminando a figura do patrão ou da patroa;

2)Democracia:

As relações econômicas se realizam de forma democrática, sem a subordinação do trabalho ao capital, havendo respeito pelas opiniões de cada pessoa;

3)Cooperação:

Na economia solidária a união entre as pessoas é o grande estímulo para o fortalecimento e o desenvolvimento, tanto pessoal, como dos grupos, e das comunidades;

4)Centralidade do ser humano:

A satisfação das necessidades humanas é a prioridade na economia solidária, visto que o mais importante na atividade econômica, são as pessoas e não o lucro.

5)Valorização da diversidade:

Nesta economia, a mulher e o feminino têm o reconhecimento do seu lugar fundamental ocupado na sociedade e o respeito à diversidade, sem haver qualquer discriminação com relação à crença, cor, ou orientação sexual;

6)Emancipação:

A economia solidária se desenvolve na perspectiva da emancipação do ser humano, na liberdade de

suas ações e do seu próprio ser, primando pela autonomia;

7) Valorização do saber local:

Na economia solidária as pessoas são incentivadas a valorizarem os saberes locais, construídos ao longo da história, a preservação da cultura e as tecnologias populares;

8) Valorização da aprendizagem e da formação permanentes:

A economia solidária prima pelo reconhecimento do saber adquirido ao longo da vida de cada pessoa e da busca permanente por novos conhecimentos, pois entende que o ser humano está sempre em processo de aprendizagem;

9) Justiça social na produção, na comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico:

A riqueza socialmente produzida terá justa distribuição, objetivando a promoção do bem viver, do coletivo, o desaparecimento das desigualdades materiais, disseminando os valores da solidariedade humana;

10) Cuidado com o Meio Ambiente e responsabilidade com as gerações futuras:

Os grupos envolvidos com a economia solidária buscam uma vida melhor, tanto no aspecto econômico quanto nos benefícios materiais produzidos, primando pela eficiência social, em sintonia com a natureza, visando a qualidade de vida, à felicidade coletiva e ao equilíbrio dos ecossistemas.

Os empreendimentos solidários se desenvolvem, através de cadeias produtivas solidárias, numa perspectiva ecologicamente sustentável, socialmente justa e economicamente

dinâmica, articulando as pessoas que produzem, as que financiam a produção, as que comercializam e as que consomem.

A característica primordial da economia solidária é a autogestão, significando a eliminação do patrão ou patroa, do empregado ou empregada, o que é fundamental para uma atividade econômica alicerçada na cooperação. Os meios de produção, ou seja, a terra, os equipamentos e instalações, pertencem a todas as pessoas trabalhadoras em empreendimentos solidários e/ou cooperativas solidárias, quer dizer, elas são donas.

A administração é gerida coletivamente e de forma democrática, em que os resultados são compartilhados e as decisões são negociadas no coletivo, garantindo além da participação de todas as pessoas, que cada pessoa represente um voto.

Diante do conhecimento dos princípios que norteiam esta nova economia, podemos perceber que

ela veio para assentar as bases de um novo sistema social e econômico, a favor e não conta a vida, capaz de integrar solidariamente toda sociedade, oferecendo a todas as pessoas (modificação nossa) oportunidades de trabalhar, consumir e viver com qualidade, de forma digna e ética. (MTE, SENAES, FBES, 2007)

3. Conversando sobre o IFPB: breve histórico da Instituição

"Nada existe em caráter permanente a não ser a mudança"

Heráclito



Foto: Valéria Guimarães

Fachada do IFPB - Campus João Pessoa

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB completou em setembro de 2009 um século de existência. Além deste marco histórico e da importância que representou a data por si só, a Instituição, também, no final do ano anterior, comemorou a sua transformação em Instituto Federal, através da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, sancionada pelo Presidente da República, a época, Luiz Inácio Lula da Silva, que criou em todo país 38 Institutos Federais de Educação,

Ciência e Tecnologia, ampliando a Rede de Educação Profissional existente, a exemplo do nosso, colocando em funcionamento 168 campi, já naquele ano. Inicialmente, a Paraíba contou com Cajazeiras, Campina Grande, Cabedelo, Patos, Monteiro, Picuí, Princesa Isabel, Sousa e João Pessoa, onde funciona, a Reitoria. Atualmente, o IFPB conta com Guarabira, totalizando 10 Campi, e ainda conta com o Centro de Referência em Pesca e Navegação Marítima - CRPNM, em Cabedelo¹.

Ao longo desses cem anos, através de suas inúmeras ações e atividades educativas, culturais e sociais, a Instituição tem prestado um serviço dos mais relevantes na formação de profissionais competentes, cidadãos e cidadãs, para atuarem no mercado de trabalho local, regional entre outros, contribuindo, inegavelmente, com a educação tecnológica do Estado da Paraíba e do País, além da busca incessante de uma formação voltada à cidadania, dentro de uma valorização humanística.

O início de sua história remonta aos primórdios do século passado. É uma longa e exitosa caminhada. Nesse trem da história, viajaremos no tempo. É um convite. Voltemos aos idos anos de 1909.

O Brasil, nesse período, passava por grandes transformações econômicas e sociais. As cidades sofriam um crescimento populacional, em função da migração de pessoas dos mais variados recantos, em busca de melhores condições de vida.

Junto a esse crescimento urbano, surgem os graves problemas sociais por falta de soluções, o que não os diferencia muito dos dias

¹Dados obtidos através do site do IFPB. Disponível: <http://www.ifpb.edu.br>, acesso em: 05/01/2012.

atuais, sem, entretanto, propormos comparações.

A libertação dos escravos, de modo significativo, ampliara o número de pessoas marginalizadas nos centros urbanos, pessoas denominadas de “deserdadas” ou “desvalidas” compunham o cotidiano nas ruas, que se somavam aos movimentos reivindicatórios da classe operária emergente.

De acordo com o lema positivista, e temendo-se um levante das classes desfavorecidas, o governo brasileiro passou a incrementar ações voltadas para o reordenamento das massas, dirigindo-as ao trabalho. Desse modo, foram criadas várias instituições com o nítido propósito de educar as pessoas dentro da premissa positivista “ordem e progresso”, perseguida a todo custo pela classe dominante. Surgem os asilos, hospícios, casas de correção e instituição de ensino, a exemplo das escolas de artífices, que servirão como formadoras de mão de obra para atender às exigências da época e do parque industrial, que começou a tomar impulso ampliando sua produção manufatureira.

Nesse contexto, a partir do dia 23 de setembro de 1909, através do Decreto nº. 7.566, sancionado pelo Presidente da República, Nilo Peçanha, nasceram as Escolas de Aprendizes Artífices, que evoluíram para as Escolas Técnicas Federais mais tarde, em seguida em Centros Federais, e, atualmente em Institutos Federais em todo território brasileiro. .

Assim, cumprindo uma disposição legal, a Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba inicia sua missão educadora, sob o estigma do preconceito e da discriminação por parte da população considerada “mais esclarecida”, que

concebia sua participação nas atividades dentro da escola “como um castigo ou penalidade”, conforme relatórios contidos em “Memória do Ensino Técnico” (1995).

A Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba foi sediada no andar superior da Polícia Militar do Estado, em 05 de janeiro de 1910, atendendo, primeiramente, meninos de 10 a 13 anos de idade, com os cursos de marcenaria, serralheria, alfaiataria e encadernação, e obrigatoriedade do curso primário e desenho, com matrículas de 134 alunos. Nos anos vinte, ampliou o seu atendimento para jovens de 08 a 16 anos, atendendo às exigências da época, pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), dentro do processo de industrialização.

Chegamos aos anos 30. Neste ano o Governo Federal criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, passando, então, a fazer parte deste Ministério as Escolas de Aprendizes Artífices, subordinadas, anteriormente, ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1937, as Escolas de Aprendizes Artífices passaram a denominar-se, oficialmente, de Lyceus Industriais, ficando na Paraíba nomeada com Lyceu Industrial de João Pessoa.

Nos anos 60, o Ensino Primário e Médio foram ampliados em todo Brasil, diferentemente do Ensino Superior, cujo acesso tornou-se um grave problema para o governo brasileiro. Com isto, o Ensino Técnico Profissionalizante de 2º Grau representou, naquele contexto, uma grande possibilidade de estudo para aquelas camadas sociais que, dificilmente, conseguiriam uma vaga nas universidades. Desse modo, mais uma vez, a Escola, aparelho ideológico do Estado, definiu os papéis sociais das camadas

populares. Sendo assim o nº de alunos (485) em 1964, matriculados no Lyceu Industrial de João Pessoa, passou para 1.444 alunos matriculados em 1970. (LIMA, 1995, p.50)

Em 1961, os primeiros Cursos Técnicos foram criados, o Curso Técnico em Construção de Máquinas e Motores e o Curso Técnico de Pontes e Estradas. Atualmente o primeiro evoluiu para duas modalidades, Curso Técnico Subsequente em Mecânica e Curso Técnico Integrado em Mecânica. O segundo curso evoluiu para Curso Técnico em Estradas, atualmente extinto.

Em 1965, a Escola transferiu todas as suas atividades para a nova sede, na Avenida Primeiro de Maio, onde permanece atualmente um dos Campi do IFPB, denominado Campus João Pessoa. Também, neste mesmo ano, a Escola passou a denominação de Escola Industrial Federal da Paraíba. Registrou-se, também, neste ano, outro marco histórico, a presença da mulher, no corpo discente da Escola, excluída até 1964, fato que representou, notadamente, um engrandecimento a história de vida destas mulheres e da própria Escola.

A escola, assim, enriqueceria seu quadro de alunos com o concurso de moças, que concretizariam a ocupação de mais um valioso espaço da mulher paraibana no cenário cultural, educacional e consequentemente profissional em nosso Estado. (LIMA, 1995, p.53).

Notadamente, em virtude da presença feminina no quadro discente, foi criada a disciplina Educação para o Lar, como forma de propiciar uma educação profissional extensiva

às atividades domésticas, conforme pensamento e ideologia da época, reforçando todo caráter conservador e patriarcal da Instituição.

No ano de 1967, a Escola Industrial Federal da Paraíba recebeu a sua nova denominação: Escola Técnica Federal da Paraíba.

Atingimos os anos de 1990. Período de expansão. A Escola ampliou, consideravelmente, seus domínios fora da cidade de João Pessoa, com a construção da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras – UNED, no sertão paraibano, propiciando àquela região condições de uma excelente formação profissional e cidadã. Inaugurada em 1994, a UNED de Cajazeiras contou com os Cursos Técnicos de Agrimensura e de Eletromecânica. Atualmente, a UNED de Cajazeiras, transformada em Campus, conta com dois Cursos Superiores, Tecnologia em Automação Industrial e Tecnologia em Análises e Desenvolvimento de Sistemas, Curso de Licenciatura em Matemática, Cursos Técnicos em Edificações, Eletromecânica (modalidades Subsequente e Integrado ao Ensino Médio), Manutenção e Suporte à Informática (modalidade Integrado ao Ensino Médio), e Desenho de Construção Civil (na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA)².

Mais desafios porém, viriam pela frente. Desta vez, em 1999, o Governo Federal transformou as Escolas Técnicas Federais em todo país em Centros Federais de Educação Tecnológica. Na Paraíba, a Escola Técnica transformada em CEFET - Centro Federal de

²Dados obtidos através do site do IFPB. Disponível: <http://www.ifpb.edu.br>, acesso em: 05/01/2012.

Educação Tecnológica da Paraíba, que, a partir daí, ofertou cursos superiores. Iniciando com o Curso Superior de Tecnologia em Telemática. A Instituição, ministra, atualmente, (vinte e nove) Cursos Superiores, (cinquenta e cinco) Cursos Técnicos (integrados, subsequente e PROEJA), divididos entre os dez campi da Instituição³.

Em 2006, mais uma Unidade de Ensino é inaugurada, desta vez, na cidade de Campina Grande, concretizando um grande sonho do povo local a qual iniciou suas atividades com o Curso Superior de Tecnologia em Telemática, dois Cursos Técnicos Subsequentes e dois Cursos Técnicos Integrados.

Quebrando paradigmas e rompendo modelos tradicionais e conservadores, a Instituição implementou no ano de 2007, no âmbito das atividades de extensão, um Projeto ousado de Criação da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários (INCUTES), numa perspectiva de vivenciar os princípios da Economia Solidária, fortalecendo assim, seu compromisso de possibilitar às camadas populares, alijadas do processo produtivo capitalista, a encontrarem uma outra economia, uma outra forma de viver, frente aos desmandos e resultados nefastos do capitalismo na atualidade, bem como, criar novas alternativas para aquelas pessoas que desejarem vivenciar e obter novas experiências com novos empreendimentos, numa economia mais humana, solidária e coletiva, conforme nos afirma o Prof. Dr. Antonio David Cattani [...] e acreditamos juntos “que um mundo melhor é possível” e que ele está sendo construído pelas

³Dados obtidos através do site do IFPB. Disponível: <http://www.ifpb.edu.br>, acesso em: 19/08/2012.

realizações concretas da outra economia”. (2003,p.14).

A história é feita por desafios e mudanças. Vivemos, permanentemente, nela, avaliando e se auto-avaliando e, adquirindo novas aprendizagens. É assim o processo educativo. Cabe sabermos os passos que queremos dar e aonde queremos chegar. A história registrará os nossos resultados.

Precisamos, apenas, de coragem e, ousadia para vivê-la...

4. INCUBADORA TECNOLÓGICA: um desafio trabalhar na perspectiva da economia solidária

"Há quem acredite em destino, predestinação, prefiro acreditar na história construída por pessoas. Somos responsáveis pelos destinos da nossa realidade. Cabe acreditar e agir e mudaremos a história."

Valéria Guimarães

A constituição de uma incubadora de empreendimentos solidários no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia surgiu do compromisso de ampliação das possibilidades de inclusão social.

Enquanto instituição pública que visa à promoção da cidadania, o Instituto tem proporcionado, através da extensão, várias ações de cunho social que visam, sobretudo, a melhoria da qualidade de vida das comunidades com baixo poder aquisitivo.

Dentro desse contexto, como forma de consolidar as atividades realizadas nos projetos de extensão, abre-se a possibilidade de criação de uma incubadora de empreendimentos solidários com apoio recebido pelo Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas (PRONINC), através de chamada pública.

Em 2007, cria-se a denominada INCUTES (Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários) com a pretensão de apoiar os grupos sociais envolvidos nos projetos que desejarem produzir bens ou serviços de forma solidária e de viabilizar a execução de atividades que possibilitem a construção coletiva dos empreendimentos, dentro dos princípios da economia solidária, na perspectiva de contribuir para a geração de trabalho e renda, para o desenvolvimento da economia local e para a construção de redes solidárias.

A proposta é o desenvolvimento de uma economia que introduz uma nova maneira de produzir, de vender, de comprar e de trocar aquilo de que, realmente, se precisa para viver melhor, sem exploração, sem discriminação e sem destruir o meio ambiente.

Fundada no princípio da solidariedade como forma de prevalecer o bem estar coletivo, em detrimento do egoísmo e do individualismo tão exaltado na economia capitalista, a economia solidária busca libertar o trabalho de uma atividade meramente destinada à acumulação de riquezas e transformá-lo numa ação que contribua para a emancipação humana.

Uma economia, portanto, pautada nas "relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação de riqueza em geral e de capital em particular." (COSTA, *et al.*, 2006, p.146).

O impulso dado pelas incubadoras tecnológicas de empreendimentos solidários das instituições de ensino ao trabalho alicerçado na cooperação, na solidariedade e na autogestão,

tem, sobremaneira, contribuído para a ampliação ou, até mesmo, para o surgimento de perspectivas de vida de parcelas marginalizadas da sociedade.

Diante dessa realidade, a implantação de uma incubadora de tecnologia social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, reafirma seu papel social, ao criar alternativas para os altos índices de desemprego e de exclusão social do nosso país.

Os grupos sociais vinculados aos projetos extensão que se pretendem, inicialmente, incubar nessa proposta são: Apoio ao empreendedorismo em comunidades de baixa renda para inclusão de jovens e seus familiares na cadeia produtiva do turismo rural sustentável; Casa Brasil; Marisqueiras do Município de Cabedelo/PB e Mulheres Mil, que abrangem a região metropolitana de João Pessoa/PB.

O processo de criação da incubadora divide-se em quatro etapas norteadas pela participação coletiva, respeitando os conhecimentos tanto populares, quanto os científicos na perspectiva de consolidação dos princípios da economia solidária.

A primeira etapa está direcionada à capacitação da equipe envolvida diretamente na organização e implementação da incubadora. Nessa etapa, tivemos as fases de mobilização, formação e instrumentalização para o desenvolvimento de novas habilidades no trato com a formação dos grupos sociais.

Em seguida, partimos para a etapa de conhecer a população dos projetos definidos para incubação, objetivando a participação da população nas ações a serem desenvolvidas. A terceira etapa compreendeu o aprofundamento das ações com os grupos formados, buscando

efetivar parcerias com entidades governamentais, como Universidade Federal da Paraíba, através da Incubadora em Empreendimentos Solidários (INCUBES), Secretarias de Estado e Município, e não-governamentais, a exemplo do Fórum Estadual de Economia Solidária, dentre outros, que tenham atuação nos eixos temáticos da economia solidária. A quarta e última etapa, caracteriza-se pelo período de acompanhamento, monitoramento e supervisão dos grupos sociais incubados.

Assim, no desenvolvimento desta última etapa tivemos dois grupos incubados em 2010:

1) Grupo **"Mulheres de Coragem"**, no Bairro de Engenho Velho, área rural de João Pessoa, composto por seis mulheres, que fabricam sabão ecológico utilizando o óleo usado de cozinha, evitando um maior impacto ambiental provocado pelo descarte deste óleo diretamente nos esgotos das residências e/ou estabelecimentos;

2) Grupo **"Mulheres de Mãos Dadas"**, no Bairro São José, composto por dezesseis mulheres, incluído no projeto da INCUTES através da construção de Redes Solidárias. Este grupo, também, produz sabão ecológico utilizando óleo usado de cozinha. Estes dois grupos, além das atividades de capacitação e introdução dos pressupostos de uma outra economia – a economia solidária, participaram de várias atividades de intercâmbio e troca de experiências, fortalecendo suas ações.

Em 2011, ampliando as ações da INCUTES, iniciamos as atividades de pré-incubação numa comunidade denominada

Ribeira, do município de Santa Rita/PB, junto a um grupo de marisqueiras, composto, em média, por quinze mulheres, que labutam, diariamente, para a sobrevivência delas e de suas famílias, em condições de muita precariedade, sem o mínimo necessário para o desenvolvimento desta pesca, morando em local de difícil acesso e esquecidas, e até invisíveis ao poder público.

Ainda neste ano, fortalecemos os laços com o **Programa Mulheres Mil**, desenvolvido no Campus João Pessoa do IFPB, ministrando oficinas de artesanato em papel e, disciplina de Gestão de Cooperativas/Cooperativismo, além da continuidade do apoio às atividades do Fórum Estadual de Economia Solidária, incluindo as feiras de economia solidária, realizadas, mensalmente, no Campus João Pessoa do IFPB.

A vivência do processo de criação desta incubadora propicia a cada dia, uma experiência vivida, um leque muito grande de descobertas, de desafios, de construções de novos paradigmas e a desconstrução de antigos, ensejando um repensar de nossas ações, valores e atitudes, enquanto pessoas e coordenação. Pretendemos, além da consolidação de uma Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, formar empreendimentos solidários em cada grupo incubado, difundir na instituição e nas comunidades de execução dos projetos, uma economia perfeitamente possível, organizada de forma coletiva e autogestionária, a partir das necessidades e dos desejos das pessoas envolvidas e que visa muito mais que a sobrevivência material, pois contribui efetivamente para o desenvolvimento humano e social.

5. Relatos de Experiências

5.1 Mulheres de Coragem de Engenho Velho



Foto: Guilherme Marconi Gomes de Brito

Ponte dos Arcos sobre o Rio Gramame em Engenho Velho.

5.1.1 A história do bairro

Engenho Velho é uma localidade situada na zona rural de João Pessoa, ao lado da BR 101, distante do centro de João Pessoa, apenas, 10 km. No passado, a área fora ocupada por uma fazenda de plantação de cana de açúcar e um engenho. Os moradores sobreviviam da atividade canavieira e como empregados do engenho, que parou de funcionar e a plantação de cana aos poucos foi sendo substituída, por outras culturas, pelas famílias moradoras na



Acesso ao Bairro Engenho Velho

fazenda. Sem uso e abandonado ao tempo o velho engenho acabou em ruínas dando nome ao lugar.

Com uma beleza simples, bucólica , suas características de zona rural ainda preservadas, o verde do vale do Gramame, as lendas e mitos da cultura local, Engenho Velho abriga moradores que não encontram trabalho e renda suficientes para suprirem suas necessidades. Com efeito, alguns dos antigos moradores migraram para a zona urbana desfazendo-se de suas propriedades. Dos que permanecem em suas parcelas alguns praticam culturas de sobrevivência, outros vendem sua força de trabalho para os proprietários das chácaras (compradas dos moradores migrantes) como meeiros , trabalhadores rurais ou caseiros. As mulheres e jovens têm poucas oportunidades para obterem trabalho no lugar onde moram. Deslocam-se, então para a cidade onde alguns

encontram emprego ficando o restante sem perspectiva de futuro.

Os mitos e as lendas – Engenho Velho entranhado no Vale do Gramame, de paisagem verde com mangueiras, jaqueiras e cajazeiras, vegetação de várzea , pequenas chácaras e construções simples, guardam na cultura local as estórias do seu passado contadas na tradição oral de moradores mais antigos e no veio poético de seus artistas anônimos. Fala-se da aparição de uma mulher de branco, personificada como Branca Dias, uma judia que fora levada prisioneira para a Inquisição. Antes de sua extradição, Branca Dias ficou reclusa no Forte Santa Catarina em Cabedelo. No local onde foi enclausurada dizem aparecer uma mulher de branco como a que aparece em Engenho Velho.

A existência de um túnel ligando Engenho Velho a Cabedelo, na época da invasão dos holandeses, era usado como rota de fuga com escapatória para o mar com sua saída no Forte Santa Catarina. De fato há uma abertura bloqueada nesse forte e, em Engenho Velho numa chácara, a entrada provável desse túnel foi fechada pelo proprietário. Há confirmação da existência do túnel por alguns moradores que relatam características de seu interior. Nesse há construções que se assemelham as bases para oferecer em abrigo. A escuridão e o desconforto de pouco ar , não encorajam ninguém ir mais adiante. Mas concreto mesmo é uma ponte sobre o Rio Gramame numa estrada de acesso ao local. Construída pelos holandeses é essa estrada que ligava João Pessoa a Recife naquela época.

As tradições folclóricas de Engenho Velho são compartilhadas com os vizinhos de Mituaçu e Gramame. As festas juninas em suas

comunidades favorecem essa integração. Nessa região, violeiros e cordelistas emergem do cotidiano e expressam em sons e versos a alegria do lugar.

5.1.2 As mulheres de coragem

Fotos INCUTES



Grupo Mulheres de Coragem

Engenho Velho foi um dos sujeitos do projeto de desenvolvimento local com a finalidade de geração de renda para jovens e mulheres através do turismo sustentável, executado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba - CEFET, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPB. As comunidades de Mituaçu, Gramame e Engenho Velho mobilizaram-se em torno de atividades geradas pela dinâmica do projeto. Entre as várias ações e interfaces desse projeto, os moradores de Engenho Velho participaram de oficinas do Projeto de Extensão "Sabão

Ecológico a partir do óleo de fritura". Com objetivos de educação ambiental e viés de economia doméstica, as oficinas despertaram o interesse das mulheres participantes.

Fotos INCUTES



Sede da Associação Agrícola dos Moradores de Engenho Velho - local das oficinas,

A presidente da Associação Agrícola dos Moradores de Engenho Velho, Carmen Lúcia da Silva, foi responsável pelas articulações para as oficinas acontecerem. Empenhou-se para conseguir os meios, dispôs as instalações da associação, convidou os associados, buscou parcerias para conseguir o óleo de fritura junto aos fornecedores. Foi na sede da associação que aconteceram as primeiras oficinas. Graças à liderança guerreira e seu empenho, algumas mulheres perceberam uma oportunidade para economizarem no orçamento doméstico e obterem alguma renda produzindo sabão caseiro. Uma delas conhecida por Irmã Luisa, entusiasmada, incentivou as participantes das

oficinas a formarem um grupo para produção de sabão.

Mas o início não foi fácil. Com pouco investimento, muita criatividade, improvisação, confiantes e determinadas, cerca de 12 mulheres iniciaram o fabrico de sabão. Na casa da Irmã Luisa, na qual se reuniam, foram feitas as primeiras produções de sabão. O resultado trouxe satisfação inflando o ego das oficineiras. O sabão é um item de segunda ordem econômica das necessidades humanas. Em barra é muito empregado para higiene da casa, roupas e utensílios domésticos. Um produto fabricado, industrialmente, que é adquirido pela maioria das famílias que fazem sua limpeza doméstica e por lavadeiras que sobrevivem da lavagem de roupas. Fabricar sabão parecia algo muito difícil e exigente em conhecimentos para aquelas mulheres, no entanto descobriram que a produção de sabão é um processo simples, de baixa tecnologia. Perceberam-se capazes para produzirem um produto que lhes parecia impossível.

É importante ressaltar que o encantamento dessas mulheres ao produzirem sabão mostra como uma tecnologia tão antiga como a produção de sabão está desaparecendo do conhecimento popular. No passado, quando a maioria das populações vivia no campo e retirava do seu trabalho e do lugar no qual morava grande parte da maioria dos produtos de que necessitava, o sabão era um desses produtos feitos em casa. O conhecimento popular do processo e a disponibilidade das matérias primas ofereciam as condições para sua produção caseira. Antes do surgimento da soda cáustica, uma invenção da química moderna, era usado o sabão de cinzas. Este era feito a partir

das cinzas provenientes da lenha queimada nos fogões, nas lareiras e em outros usos. A gordura vinha dos resíduos dos animais abatidos – peles, ossos, barrigada. Desse modo resolviam-se os problemas de descarte dos resíduos aproveitando-os para fazer o sabão. É certo que tanto a urbanização, quanto a industrialização trouxeram mudanças profundas no modo de produção e consumo das sociedades. Nesses processos, muito dos conhecimentos populares foram transferidos, apropriados e aperfeiçoados tornando-se capital privado das corporações capitalistas. Portanto o que aconteceu foi o resgate de um conhecimento que retorna às suas origens.

Fotos INCUTES



Local da Produção do Sabão Ecológico Soluz "Novo Engenho"

Tempo de mudanças - nascia um sonho e afetava a rotina daquelas mulheres. Formar um grupo de produção e criar um empreendimento coletivo para economia em casa e obter renda. A rotina sendo alterada exigindo uma nova

arrumação no tempo e no seu dia a dia para se incluírem tarefas de fabrico de sabão, cursos de capacitação, articulação com a vizinhança, formar parcerias, vender sabão e outras atividades antes não vividas. Apesar dos bons resultados começaram a surgir baixas no grupo. No início uma dúzia de mulheres participavam das atividades, depois eram oito e com a saída da Irmã Luisa e de sua irmã Socorro, o grupo encolheu para seis integrantes. Mesmo pequeno o grupo permaneceu unido, apostando no empreendimento.

Em 2009, o grupo composto por seis remanescentes qualificaram-se em um curso de formação em economia solidária realizado pela Incubadora Tecnológica de Economia Solidária, INCUTES. A Incubadora oportunizou com a sua assessoria o fortalecimento do grupo. Os impactos mais significativos mostram a consolidação do grupo de produção identificado como saboeiras, mulheres empreendedoras, capazes de gerenciarem uma atividade econômica. Ao refletirem sobre sua história destacam os muitos desafios que enfrentaram – os seus medos, suas limitações, o descrédito de outras pessoas, a ridicularização pela capacitação, pela produção, as pilherias e ironias da vizinhança, a incompreensão de algum parente e outros tantos obstáculos. Cada uma contribuiu com quatro reais para aquisição dos primeiros materiais para a produção do sabão. Orgulham-se de terem multiplicado essa quantia mais de dez vezes. Refletiram sobre sua trajetória. A síntese desse processo chamaram de coragem. Cada uma precisou de coragem para superar os seus limites e enfrentar as dificuldades para irem adiante. Consolida-se assim o grupo Mulheres de Coragem.

5.1.3 Resultados

Fotos INCUTES



Sabão Ecológico Soluz Novo Engenho - local de armazenamento

Para se reconhecerem o progresso e os avanços nos pequenos empreendimentos é necessário não só os parâmetros e indicadores usados pelas ciências econômicas e pela administração, mas, também, que os resultados dos planos de negócios se concretizem em números e os resultados monetários sejam mensuráveis, transformações ocorreram ao nível dos indivíduos e nas suas relações com o mundo. Reconhecer suas habilidades e suas competências, seus saberes, suas limitações faz parte do autoconhecimento necessário para qualquer pessoa evoluir, se afirmar e enfrentar os desafios para viver. Para empreender, o autoconhecimento é um dos conhecimentos essenciais. As Mulheres de Coragem – Lena, Maria Batista (a Bahia), Neide, Inês, Edileide e a Dona Maria – se sentiram capazes de criarem

um negócio a partir da percepção das possibilidades de produzirem sabão. Claro que o domínio do processo de fabricar sabão elevou-lhes a autoestima. Como mensurar a autoestima e como relacioná-la com o sucesso de um empreendimento? Os resultados aqui colocados são os frutos de esforços individuais e de investimentos realizados pela Incubadora na sua assessoria a essas mulheres.



Comercializando Sabão Novo Engenho

No primeiro momento, quando se iniciou o processo de sensibilização, as mulheres já estavam produzindo o sabão e comercializando-o entre a vizinhança. Já se utilizavam aqui dos seus saberes, de suas experiências e suas referências. Mas em suas vidas, muitos conhecimentos e o saber fazer da vida rural foram destruídos pelo processo de urbanização/industrialização. Para empreender-

se é necessário, pelo menos, o domínio de três conhecimentos importantes para gerenciar um negócio: conhecimentos técnicos, específicos e visão geral. Uma das primeiras capacitações que o grupo recebeu está relacionada à compreensão de mundo e os fundamentos da economia solidária. O modo como já produzem são perceptíveis nas suas falas e atitudes.

O diagnóstico construído com as mulheres como parte da assessoria da Incubadora apontou como um dos principais problemas do grupo, a insatisfação com as vendas baixas. De fato, a quantidade de sabão estocado chegava próximo a uma tonelada. O grupo apresentava uma capacidade de produção muito superior a sua capacidade de vender. Entre as causas que as mulheres apontaram destacamos:

- aparência do produto;
- embalagem ruim;
- pouca divulgação do sabão;
- problemas de uniformidade no corte e tamanho do produto;
- e ainda por não conseguiram colocar o produto à venda nos supermercados por falta do registro.

No meio do processo de capacitação surgiu um comprador para o estoque propondo à compra um valor determinado. Entretanto o grupo não sabia o custo do seu produto e isso também demonstrava a falta de conhecimentos em relação ao seu negócio. Enquanto o grupo se capacitava em economia solidária procedeu-se a aplicação de conhecimentos para determinar os custos do sabão.

A análise das causas determinantes do problema, conduziu a elaboração de um plano de

ação posto em execução de imediato. Em relação ao grupo e ao empreendimento deu-se a evolução no período de dois anos e meio, sendo possível se verificarem e compararem as mudanças ocorridas pelo processo de incubação. Destacando-se resultados temos:

- Aprenderam calcular o custo do produto;
- Incrementaram suas vendas praticando outros meios para venda (feiras, eventos,);
- Ampliaram o raio territorial de vendas;
- Formaram parcerias e melhoraram sua articulação com fornecedores;
- Melhoraram as instalações nas quais produzem (divisão entre estocagem, embalagem e produção);
- Criaram identidade para o grupo;
- Definiram quais melhorias deveriam fazer para melhorar a aparência do produto e da embalagem;
- Identificaram os problemas no corte do sabão e alternativas para sanear-los;
- Aumentaram as vendas;
- Baixaram todo o produto estocado;
- Realizaram o controle de estoque de acordo com as necessidades de vendas;
- Planejaram uma retirada mensal lhes atribuindo uma renda;
- Aumentaram a quantia retirada para cada membro do grupo .

A avaliação feita pelas mulheres do grupo Mulheres de Coragem, em depoimentos, registra as modificações ocorridas situando-se o antes de tornarem -se empreendedoras, o presente construído com o assessoramento, as contribuições para o crescimento pessoal de cada membro do grupo.

Depoimentos

“Vivia cuidando da casa. A gente vivia esperando só pelo marido e agora com esse sabão que começamos fazer melhorou, né?”

Maria Batista (Bahia)

“A gente que é dona de casa, sempre dona de casa, vivia dentro de casa, de cara prá cima e hoje a gente tem em que se ocupar”

Lena

“Nunca imaginei que a gente fosse formar um grupo e fosse dar tão certo.”

Lena

“...mas lutemos também de botar aquele dinheirinho, aquele dinheirinho de quatro reais; cada uma cooperou né? E hoje graças a Deus estamos aqui na luta.”

Edileide

“Hoje estamos aqui com nossa fábrica de sabão. Dá uma pequena renda mas já é uma ajuda e é muito importante prá gente.”

Lena

“... a gente não entendia nada ... agora a gente foi se fortalecendo...”

D. Maria

“Mas agora melhorou mais ainda”

Inês

“... e foi aí que aprendemos muita coisa...”

Edileide

“ a incubadora nos ajudou muito a tocar nosso negócio”

Lena

“ e foi aí que aprendemos a vender o nosso sabão...”

Edileide

“ o povo sempre falava que o sabão que não espumava bem mas agora graças a Deus até que pararam de tá falando .”

Edileide

“ Me sinto feliz porque formamos uma equipe. Elas trabalhavam na roça e muitas vezes nem colhiam. Mudou muito. Elas estão cheias de conhecimento. São mulheres valorizadas.”

“Hoje elas estão caminhando com as próprias pernas.”

Carmem Lucia

(Presidente da Associação Agrícola dos Moradores de Engenho Velho)

5.2 Mulheres de Mãos dadas do Bairro São José



Fotos INCUTES

Imagem do bairro São José e a contradição com o bairro de Manaíra

5.2.1 A história do bairro

O Bairro São José encontra-se situado em uma região nobre de João Pessoa, entre os bairros de Manaíra e João Agripino. Surgiu como um assentamento espontâneo, informal e desordenado às margens do Rio Jaguaribe, considerada uma área de preservação permanente (APP) e próximo da BR 230. Toda ocupação se fez entre o vale às margens do rio Jaguaribe e as encostas, na década de 70 em um processo gradativo, desordenado e inconstante.

Essa forma de ocupação trouxe prejuízos ambientais e espacial além de baixa qualidade de vida aos seus ocupantes. O bairro possui um dos piores indicadores sócio-ambientais e urbanos da cidade de João Pessoa e do mundo.



Fotos INCUTES

Visão dos bairros São José e Manaíra a partir da encosta

O Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) do bairro é de 0,37. Em contraste o IQVU de Manaíra, seu vizinho, é de 0,798. É evidente uma segregação sócio-espacial. Os seus moradores sofrem do estigma semelhante aos moradores das favelas mesmo a localidade tendo sido elevada a categoria de bairro. Por causa da carência de infra estrutura, má disposição dos resíduos sólidos, saneamento básico insuficiente, construção de casas nas encostas íngremes e aglomerações na beira do rio, há semelhanças com as características das populares favelas. A sua população enfrenta as consequências da violência atribuída ao tráfico e uso de drogas ilícitas, aos assaltos nas

redondezas, sofre pelas fragilidades da pobreza, o preconceito de lugar violento, da insegurança, desemprego; é vítima das agressões ambientais provocadas pela sua ocupação. É submetida a suportar os males da baixa qualidade de vida e conviver com a população circunvizinha, formada por bairros das classes médias e alta.

Mais de 13000 (treze mil) habitantes do bairro São José sonham com a criação de praças e espaços públicos, centros profissionalizantes, escola e soluções aos problemas causados pelos impactos negativos provocados pelas transformações desencadeadas durante o processo de ocupação e pela ausência de intervenção dos poderes públicos.

Espremidos entre o rio e a encosta, no período das chuvas, os moradores são afetados com as constantes enchentes anuais do Rio Jaguaribe (que recebe o lixo depositado na sua

Fotos INCUTES



Rio Jaguaribe – os impactos socio-economicos – o custo ambiental do crescimento economico e desordenado

calha, esgotos domésticos, constante assoreamento e invasão das suas margens tanto pela população do bairro, como por um dos maiores shoppings da cidade); convivem com o medo de perderem a vida e os seus poucos bens com a queda de barreiras da encosta. Nessa estação, além das perdas materiais sofridas, acentuam-se os problemas sanitários e parte deles fica isolado pelos alagamentos.

Os espaços tornam-se mais reduzidos e cada morador se obriga a confinar-se em suas casas ou abandoná-las até que a situação melhore. É comum o partilhamento das ruas (apenas três) estreitas com os moradores, veículos e transeuntes como se a rua fosse a extensão de suas casas. Conhecido como um bairro violento na cidade de João Pessoa, o que se pode perceber quando se percorre no bairro é outra constatação:

as ruas são cheias de crianças brincando, jovens em grupos e os vizinhos conversando nas frentes de suas casas. No entanto, a violência disseminada por indivíduos que praticam roubos e assaltos, a rivalidade entre grupos que traficam e fazem suas vítimas macula todos os habitantes do bairro e enche de horror a vizinhança abastada. São José é constituído por gente que sobrevive de pequenos ganhos arrebatados pela luta diária da sobrevivência, porém excluída dos benefícios mínimos dos direitos sociais. Uma população invisível para usufruir integralmente da dignidade da cidadania.

Fotos INCUTES



Bairro São José

5.2.2 Bairro José – promessa para dias melhores

A INCUTES incluiu as mulheres do bairro São José, no seu processo de incubação como estratégia de fortalecimento das ações de incubação, ao grupo de produção de sabão do Engenho Velho. Essas mulheres do São José já vinham sendo acompanhadas pelo Rotary e por ações de ONG's na perspectiva do desenvolvimento local. Foi através dessas instituições que um dos projetos de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB – (antes CEFET) "Sabão ecológico feito a partir do óleo de fritura" chegou ao bairro. A partir dessas oficinas, as mulheres se mobilizaram para o aprendizado do sabão com óleo de fritura, vendo nessa atividade uma alternativa de geração de renda no bairro. O Rotary Clube incentivou-as para criação de uma cooperativa. A necessidade de melhorar o bairro, principalmente, da má fama veiculada na mídia, viver com dignidade e com qualidade é parte dos sonhos dessas mulheres.

Fotos INCUTES



Bairro São José

5.2.3 Mulheres de Mãos Dadas – esperança

Inicialmente, cerca de 15 mulheres reuniam-se na escola de Aparecida para discutirem suas atividades e praticarem a produção de sabão. A professora Aparecida incentivadora e apoiadora da ideia contribuía na oferta do espaço da sua escola. Certa ocasião foi visitar um grupo de mulheres em Engenho Velho para se conhecerem e trocarem ideias sobre as atividades daquele grupo. Aos poucos, as mulheres do São José confiantes e animadas com o resultado de sua primeira produção de sabão decidiram dar passos mais largos.

Contudo, os desafios encontrados não foram poucos. Os espaços exíguos de suas residências e a falta de equipamentos sociais para que pudessem iniciar a prática laborativa impunha restrições.

As reflexões feitas durante algumas reuniões com as mulheres, no processo de sensibilização promovido pela Incubadora, as encorajou a tomarem decisões muito importantes para a continuidade de realização dos seus propósitos. Reconheceram-se como um grupo e a partir de então, somaram seus esforços, habilidades e recursos para manterem uma casa alugada como sede de sua associação.

Fotos INCUTES



Bairro São José

Concluíram e crêem que a produção de sabão é a alternativa mais viável. Os custos da casa estão sendo cobertos pelas contribuições das associadas, vendas do sabão e alimentos produzidos pelo grupo.

Foto: INCUTES



Local onde as mulheres de Mãos Dadas realizam as atividades - casa alugada

Encontrar fornecedores de óleo usado e adquirir matéria prima a preços acessíveis exigem esforço e organização. A maioria dos membros do grupo sobrevive realizando faxinas, lavagem e engomado (passar ferro) de roupa, no trabalho doméstico, na revenda de produtos de beleza porta a porta, e entre outras atividades informais durante o dia.

A outra parte se dedica aos cuidados e administração de suas casas. Somente à noite o grupo consegue reunir-se após a jornada de trabalho. Conciliar papéis e tarefas implica planejamento, organização, método e muita disposição física e motivação. Todos esses

elementos se encontram presentes, mas é o apoio mútuo e a cooperação na divisão de tarefas que equilibram o desafio de realizar os objetivos dessas mulheres. Todas são guerreiras, lutando para melhoria de suas vidas e o desejo de mudança na qualidade de vida do bairro.

Fotos INCUTES



À direita integrantes do Grupo Mulheres de Mãos Dadas

Dois fins que se entrelaçam e que exigem investimentos em tempo, recursos humanos, financeiros e a participação dos outros moradores. O grupo formado desenvolve atividades produtivas e sociais, mas sem determinar com clareza se sua organização é um empreendimento cooperativo ou se deve enveredar pelos caminhos do desenvolvimento local. Para dar continuidade ao processo de incubação é necessário que o grupo defina seus objetivos. No período transcorrido para a organização do grupo, foi realizado um curso de formação em economia solidária constatando-se no cotidiano do grupo a aplicação dos princípios e

valores fundamentais dessa economia. Para fortalecer e vivenciar a intercooperação, a Incubadora propiciou o encontro desse com o grupo de produção de sabão Mulheres de Coragem de Engenho Velho. Em vários aspectos essas estratégias foram positivas, contudo, em relação aos seus fins, o grupo do São José, persiste quanto a incerteza dos seus objetivos. O grupo ainda avalia que fins deve priorizar para adotar as estratégias cabíveis. É nesse ponto que a Incubadora aguarda a decisão que o grupo irá tomar. Esse conflito estando resolvido determinará os próximos passos para o início da segunda etapa do processo de incubação.

5.2.4 Resultados

A guisa de conclusão ressaltem-se duas questões interessantes: uma relacionada aos mitos e ao estigma da violência do bairro São José. De fato, é verdadeira a questão da violência no bairro. É um bairro pobre rodeado de bairros ricos. A riqueza das redondezas atraem os assaltantes e ladrões, favorecem o comércio e o consumo de drogas, o turismo sexual – circulam turistas e gente de posses na orla de Manaíra e concentram-se bens e valores no maior shopping de João Pessoa. Mas quando há ocorrências de assalto, furtos e repreensão aos atos ilícitos, é o bairro São José que oferece as condições para os infratores fugirem ou se esconderem da Polícia. Há vielas com curvas e ângulos para despistar; na encosta e vegetação há trilhas que ajudam a escapatória dos infratores para saírem do alcance dos perseguidores. Os moradores são vítimas constantes, pois, vulneráveis a esses fatos. Ao caminhar pelo bairro, em um labirinto de becos com pequenas casas, não é difícil ver-se a vizinhança conversando, as crianças brincando e andando de bicicleta. Ouve-se música e defronta-

se com as portas e janelas abertas, grupos de jovens nas calçadas. Há um clima de convivência semelhante as cidades do interior.

Segunda questão: trata da importância de dar ao grupo o tempo necessário para tomar a iniciativa do próximo passo. Metodologicamente cada etapa para a incubação tem seu tempo de realização. São parâmetros construídos por experiências, pelos estudiosos e pesquisadores sociais. Mesmo onde há previsibilidade das reações, há fatores imprevisíveis. Isso é constatável por exemplo na meteorologia. Quando se trata das ciências sociais admitem-se as possibilidades e não as probabilidades.

Contudo, a obstinação por prazos se relaciona ao modo como administramos o tempo hoje, ao valor que atribuímos a ele. O tempo gasto para ter um resultado é um dos fatores para medir eficiência e eficácia. Na economia solidária o tempo é um dos fatores que se agrega ao processo. É esse insumo que na medida adequada ao processo de cada empreendimento concorrerá com o sucesso dos resultados pretendidos.

Finalmente, avaliando-se as etapas transcorridas, admite-se a organização do grupo com identidade própria, desaparelhada de apadrinhamentos; vivência de gestão cooperativa e geração de renda através da autogestão. Entretanto, a viabilidade social do grupo se apoia e condiciona sua existência na sua viabilidade econômica que é ainda, incerta. É preciso assegurar geração de renda adequada aos seus membros não como meio para sua permanência mas como um fim. É preciso o êxito do empreendimento como meio para incentivar o crescimento de outros empreendimentos no local.

5.3 Novo grupo vem surgindo...

As pescadoras da Ribeira



5.3.1 No Desbravamento da história: conhecendo um pouco sobre a Ribeira e sobre o grupo

A Ribeira é um subdistrito de Nossa Senhora do Livramento, em Santa Rita, no Estado da Paraíba, situado às margens do Rio da Ribeira, um dos canais da foz do Rio Paraíba, dividido em Ribeira de Cima, Ribeira do Meio e Ribeira de Baixo.



Travessia por barco para a Ribeira

O local é de difícil acesso, com estradas precárias, tendo pouquíssimos ônibus, que fazem o transporte ligando Livramento a outros locais como à cidade de Santa Rita. Há, também, o uso de barcos como transporte.

Os habitantes da Ribeira são, em sua maioria, pescadores e pescadoras, que desenvolvem, além da prática de agricultura de subsistência, a criação de poucos animais, como galinha e gado.

Dentre as famílias que moram na Ribeira, algumas participam de um grupo o qual queremos salientar. Este grupo é formado por mulheres pescadoras artesanais, cuja principal atividade é a catação do marisco. Este grupo é constituído por, aproximadamente, 13 mulheres com eventual participação de alguns homens.

Essas mulheres são, na sua maioria, também donas de casa, mães, avós, esposas e algumas

provedoras do lar. Todas com baixa escolaridade e afastadas dos serviços sociais essenciais como transporte, educação, saúde e segurança. Elas não estão organizadas formalmente, e não participam de organizações como associações ou colônia de pescadores e pescadoras. Em geral, conciliam seus afazeres domésticos com o trabalho pesqueiro desenvolvido em condições frágeis e sem os equipamentos necessários a atividade em pauta.

Fotos INCUTES



Marisqueiras da Ribeira

De acordo com os relatos dessas pescadoras, as dificuldades enfrentadas por elas são inúmeras, Destacando: preço baixo do pescado, dificuldade na comercialização, escassez de embarcação, falta de saúde, e até a necessidade de trabalharem mesmo doentes, somadas a essas dificuldades, a má alimentação muitas horas de trabalho pesado em que fica a vista uma postura inadequada, acarretando sérios problemas de dores na coluna, além de artrite, artrose e atrofiamento nas mãos.

5.3.2 Construção de um caminho de possibilidades, visibilidade e grandes desafios: atuação da INCUTES

Fotos INCUTES



Acesso à Ribeira por Livramento/Santa Rita-PB

O primeiro contato da INCUTES com as mulheres da Ribeira ocorreu através de um convite feito por uma marisqueira Ana Darc Maria Ferreira, que reside em Cabedelo e participa como membro da Associação de Pescadores e Marisqueiras do Renascer III e, também, do Movimento Nacional de Articulação dos Pescadores e Pescadoras.

Esse contato viabilizou a realização de uma reunião com as mulheres, cujo objetivo foi apresentar a proposta de trabalho da Incubadora, além de ouvir as necessidades das mesmas.

A partir de então, a Incubadora vem desenvolvendo a etapa da pré-incubação com a sensibilização do grupo. Nesta fase, várias atividades são trabalhadas, que vão do conhecimento da realidade da produção, ao

levantamento e discussão das dificuldades vivenciadas, identificação dos pontos fortes e fracos do grupo, atividades de autoconhecimento e de promoção da autoestima, dentre outras.

Fotos INCUTES



Equipe da INCUTES com as Marisqueiras da Ribeira

Diante dos encontros, que vêm sendo realizados, percebe-se, claramente, a necessidade de articulação do grupo, de informações sobre os seus direitos, enquanto cidadãs, mulheres, direitos à saúde e à previdência, de melhoria na qualidade de vida, no trabalho da pesca e no pescado, de orientação para comercialização, considerando neste aspecto que as mulheres estão submetidas aos atravessadores, o que acarreta uma desvalorização no preço do marisco, para citar alguns dos muitos obstáculos no trabalho dessas mulheres.

A presença da incubadora neste grupo propicia momentos de interação, de redescobrimto, de visibilidade. Temos clareza da importância desta atuação como forma de possibilitar um novo

horizonte na vida destas mulheres, embora o trabalho esteja no início, enfrenta inúmeras dificuldades estruturais e de apoio para a sua execução, tendo, ainda, muita estrada a percorrer.

Há muito que caminhar. Estamos aprendendo a caminhar caminhando.

E a história continua...

Fotos INCUTES



Ribeira – “croá”- local onde as pescadoras catam mariscos- trabalho árduo

Fotos INCUTES



Marisqueiras - embarcando o pescado - jornada exaustiva

5.3.3 Um rápido mergulho na história do município de Santa Rita/PB"

O município de Santa Rita está localizado na Mesorregião da Mata Paraibana e na Microrregião de João Pessoa, possuindo uma área total de 765,6 km². É o segundo em extensão territorial e o terceiro do estado cuja população estimou-se no ano de 2010 em 120.333 habitantes. O município é considerado o maior produtor de abacaxi da Paraíba e conhecido como a cidade dos canaviais pela grande produção de cana-de-açúcar.

Foto: Valéria Guimarães



Praça Principal da cidade de Santa Rita com vista para a Matriz

Limita-se com os municípios de Cabedelo (23km), Lucena (27km), Rio Tinto (36km), Capim (28km), Sapé (27km), Cruz do Espírito Santo (12km), Conde (18km), Pedras de Fogo (34km), Alhandra (45km), Bayeux (7km) e João Pessoa (11km).

O município de Santa Rita é constituído de distritos, subdistritos e localidades municipais:

Bebelândia, Cadene, Cangulo, Cauíra, Chã do Congo, Cicerolândia, Cotovelo, Estiva, Forte Velho, Gargaú, Jacaraúna, Lerolândia, Mel de Furo, Monte Alegre, Mumbaba Alecrim, Mumbaba dos Canários, Mumbaba de Belez, Mumbaba Bandeirante, Mumbaba Caiçara, Mumbaba (de Baixo e de Cima), Mumbaba de Peninchos, Mumbaba dos Américos, Livramento, Odilândia, Oiteiro, Prego, Reis, Ribeira (de Baixo, do Meio e de Cima), Santa Ana, Santo André, Socorro, Taboleiro de Santana, Taboleiro do Leandro, Tambauzinho, Tibirizinho, Usina Santana, Usina São João, Várzea Nova, Vigário, Santo Amaro, Povoado de São Bento, Sítio Reis, Usina Santa Rita, Engenho do Meio, Volta do Quimba (Coimbra), Nossa Senhora do Patrocínio, Jaburu, Fazenda Caldeirão, Babilônia, Jacaraúna, Tapira.

Foto: Valéria Guimarães



Centro comercial de Santa Rita

A história da colonização de Santa Rita teve seu início em 1585 pelos portugueses, logo após a fundação de João Pessoa. Nesta época, registram-se combates frequentes entre

portugueses, tabajaras e potiguaras, sendo estes últimos auxiliados pelos franceses.

Conta-se que na sua origem a cidade servia como local de pouso, abrigando as pessoas que viajavam da capital da província, denominada Parahyba, para o interior do estado e vice-versa. Nessa época, em virtude do solo alagadiço que dificultava o acesso à capital, o pernoite fazia-se necessário. Entre as pessoas que pernoitavam estavam os comerciantes, exploradores, nativos, colonos, criadores e até tropas militares.

No local conhecido como Tibiry foi construído o Forte de São Sebastião em 1771 e, nas proximidades, edificada a Capela e o primeiro engenho de açúcar, dando início a formação do povoado.

Sua emancipação política ocorreu em 09 de maio de 1890.

Foto: Valéria Guimarães



Prefeitura Municipal de Santa Rita

5.4 Mulheres Mil

Foto: INCUTES



Mulheres Mil no IFPB - Campus João Pessoa

5.4.1 Origens

O Projeto Mulheres Mil implantado em vários estados brasileiros, resultante de um acordo BRASIL/CANADÁ objetivava o atendimento a mulheres em situação de vulnerabilidade e risco social, buscando a elevação da escolaridade, qualificação e inserção no mundo do trabalho com geração de renda. Na Paraíba, o projeto contemplaria as marisqueiras de Cabedelo e Bayeux, ambos na região metropolitana de João Pessoa. Em Bayeux, as comunidades São Lourenço e Casa Branca possuem o perfil do público de referência do projeto. O IFPB realizava desde 2004 um projeto de extensão (Projeto Alvorecer) em

parceria com o Lar Luz e Vida (Instituição Filantrópica) na comunidade São Lourenço, que veio facilitar as relações institucionais para introdução do Projeto Mulheres Mil naquela localidade. Em Cabedelo, não foi possível a realização do Projeto naquela ocasião. O projeto em 2011 foi transformado em Programa pelo Ministério da Educação e está sendo implantado em vários campi do IFPB.

As mulheres de Bayeux, motivadas a participarem do Projeto Mulheres Mil, constituem um segmento da população afetado pela pobreza e exerce um trabalho precarizado e doméstico; baixa escolaridade, sem qualificação, habitam em localidades com risco social, nas quais se destacam o uso de drogas ilícitas e de álcool. A violência de gênero, o desemprego e as poucas oportunidades de trabalho e renda para seus habitantes. Bayeux é um daqueles municípios em que a população economicamente ativa, trabalha fora de seu território. A maioria se desloca para João Pessoa para trabalhar e para estudar ou se qualificar.

Essas mulheres inseridas num contexto no qual prevalecem a discriminação de gênero, a desvalorização do trabalho feminino, a escassez de trabalho, a baixa renda, a falta de oportunidades para elevação da escolaridade e do trabalho qualificado, sobrevivem parte, do trabalho e da renda da pesca do marisco, e outra parte, donas de casa, artesãs, ou desempregadas. Enquanto trabalhadoras não estão organizadas em associações de classe, as marisqueiras não participam efetivamente da colônia de pescadores; tampouco as artesãs são associadas e “as donas de casa” não se

reconhecem como trabalhadoras. As que se denominam artesãs praticam essa atividade como complemento de renda, confeccionando peças com conchas de marisco. Quando escasseia o marisco, as marisqueiras procuram compensar a perda de renda, fazendo faxina. A revenda de comésticos ou confeccções, serviços domésticos, cuidados pessoais e atividades temporárias são fontes de renda, tanto para as marisqueiras quanto para as demais que compõem o projeto. Algumas dessas mulheres são chefes de família e são responsáveis, também, pelo sustento e cuidado de netos e netas e pais e mães idosos.

Milhões de mulheres no mundo encontram-se em situação de exclusão social, sem acesso aos direitos básicos, sofrendo as agressões geradas pela pobreza, desigualdades, discriminação e preconceitos no interior da família e na sociedade em que vivem. O fosso que separa os mais pobres dos mais ricos é maior quando se comparam as diferenças entre homens e mulheres em relação ao trabalho, escolaridade e poder (econômico e político). Segundo MAGRINI *et al* (on line, 2010), os dados publicados no Relatório da Organização das Nações Unidas de 2006, revelam essa realidade demonstrando que a distância é muito maior para as mulheres:

- as mulheres executam dois terços (2/3) do trabalho realizado pela humanidade;
- as mulheres recebem um terço (1/3) dos valores destinados a salários mundialmente;
- as mulheres são proprietárias de apenas 1% dos bens imóveis do mundo;

- e dos quase 1,3 milhão de miseráveis do mundo, 70% são mulheres.

Essa desigualdade, é expressa pela diferença de rendimento, no trabalho entre os homens e as mulheres. A desigualdade de gênero desde a infância exclui a mulher do acesso à educação, mas a inclui no mundo do trabalho mal remunerado, precarizado, escravo e no trabalho doméstico. Mesmo que tenha melhorado o acesso ao crescimento da escolaridade, segundo estudo da ONU, citado por Laboissière (*on line*, 2010) “existem 774 milhões de analfabetos no mundo, dos quais 516 milhões são mulheres”, é um índice muito alarmante, mas se destacarmos que de um total de “72 milhões de crianças em idade escolar fora das salas de aula, 39 milhões são meninas” (mais de 50%) é mais assustador e comprova a origem das diferenças quanto à desigualdade de renda e trabalho entre homens e mulheres e que contribui para a pobreza feminina.

Infelizmente, o Brasil é um país que detém um índice acentuado de mulheres sem nenhuma escolaridade mesmo que tenha havido, de acordo com estudo da UNESCO, um esforço significativo em “ [...] reduzir sua população adulta analfabeta em 2,8 milhões de 2000 a 2007” (UNESCO,2011p.14).

5.4.2. INCUTES - mediações

As mulheres do Projeto Mulheres Mil foram inseridas, também, como beneficiárias do projeto “ Criação da Incubadora de Empreendimentos Solidários - INCUTES do

Foto: INCUTES



Trabalho da INCUTES no Projeto Mulheres Mil

IFPB”. Criada a INCUTES, buscou-se uma articulação das ações desta com os objetivos do Projeto Mulheres Mil. Construção nada fácil, apesar dos objetivos finais do Projeto Mulheres Mil serem os mesmos da incubadora: inclusão no mundo do trabalho através do empreendedorismo solidário e coletivo.

A inserção da INCUTES se deu pela participação de um membro da incubadora no Mulheres Mil, condição que possibilitou a interação entre a Coordenação desse projeto e a INCUTES. Essa relação trouxe aproximação com as mulheres mediante as disciplinas: economia solidária e gestão de cooperativas/cooperativismo que foram ministradas pela equipe da incubadora, além do apoio realizado através da oferta de oficinas de artesanato com papel e artesanato pesqueiro.

Nesse processo, para estabelecer os contatos e a articulação com as mulheres, um dos obstáculos a ser vencido, trata da falta de tempo disponível, dessas mulheres, para a

atuação da INCUTES. Durante a semana, tinham que frequentar as aulas para sua escolarização e qualificação, conciliando as atividades domésticas e de trabalho. Um outro entrave foi a organização de um calendário de atividades com uma diversidade de interesses e necessidades.

Assim, o desenvolvimento de um projeto de geração de renda com objetivos comuns e viabilidade econômica e social, a exemplo de uma cooperativa, e/ou associação constitui-se um grande desafio para a incubação numa etapa futura.

6. Considerações Finais

A implantação de uma Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, revela-se num processo de mudança da forma de pensar a organização do trabalho. Num contexto educacional alicerçado por valores capitalistas construídos e consolidado historicamente, quando se fala em incubadora só se tem em mente as incubadoras tecnológicas capitalistas, quando se fala em tecnologia jamais se pensa na existência de uma tecnologia social.

Conduzir as pessoas a pensarem no trabalho, nos marcos da economia solidária popular, demanda, de sobremaneira, a introdução de discussões sobre a temática nos diversos níveis de ensino, envolvendo tanto alunos, alunas, como professores, professoras e todo corpo técnico-administrativo de todas as áreas.

Diante das atividades vivenciadas, podemos afirmar que, enveredando por este caminho, a Instituição, além da demonstração do seu compromisso social, necessita prementemente, consolidar as ações desta incubadora, compelindo esforços no sentido de garantir, plenamente, a atuação da incubadora, asseverando, historicamente, sua

responsabilidade com a sociedade em que a Instituição está inserida.

Precisa, portanto, e além, de um intenso e persistente trabalho de conscientização acerca da importância que esse tipo de iniciativa trás para a população, através da ampliação das possibilidades de geração de trabalho e renda e da melhoria da qualidade de vida, concebendo a economia solidária, como nos diz Paul Singer, “para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma vida melhor.”(Paul Singer, Introdução à Economia Solidária, Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, pp 114).

E este é o nosso grandioso desafio.

7. Referências

ARRUDA, Marcos. Socioeconomia solidária. In: CATTANI, Antônio David (org). Uma outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

CATTANI, Antônio David. A outra economia: os conceitos essenciais. In: CATTANI, Antônio David (org). Uma outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

COSTA, Francisco Xavier Pereira da. et al. Incubação de empreendimento solidário popular: fragmentos teóricos. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006.

GUIMARÃES, Valéria Maria Gomes. A mulher de batom, graxa e macacão: uma abordagem histórica acerca da presença da mulher no curso técnico de mecânica da Escola Técnica Federal da Paraíba. (co-autoria de Ana Maria Coutinho Bernardo), João Pessoa, CEFET/PB, 1999.

LABOISSIÈRE, Paula. ONU: Dois terços dos 774 milhões de analfabetos no mundo são mulheres. [on line] Disponível em: <http://radardofuturo.blogspot.com.br/2010/10/onu-dois-tercos-dos-774-milhoes-de.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2011.

LIMA, Marco Antonio Suassuna. Segregação sócio-espacial e desenho urbano em assentamentos espontâneos: o caso do bairro São José em João Pessoa PB. Revista Arquitectos [on line], nº 072.06, ano 06. São Paulo: maio 2006. [on line] Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/06.072/356>. Acesso em: 1 de agosto de 2011.

LIMA, Marileuza Fernandes Correia de. et al. Da Escola de Aprendizes Artífices da Parahyba à Escola Técnica Federal da Paraíba: memórias do ensino técnico. João Pessoa: ETEFPB/Gráfica, 1995.

MAGRINI, Pedro Rosas. OLIVEIRA, Ataulpa Luiz de. FIGUEIREDO, Frederico de Carvalho. KNUPP, Marcos Eduardo Gonçalves. Economia social no contexto brasileiro: considerações sobre o caráter desigual do trabalho das mulheres. In: Observatório

de La Economía Latinoamericana , Número 137, 2010. [on line] Disponível em : <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/10/mofk.htm>. Acesso em: 10 de setembro de 2011.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego - MTE /, SENAES, FBES. Economia Solidária, outra economia acontece: Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social – Brasília: MTE, SENAES, FBES, 2007.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego - MTE /, SENAES, FBES. Manual para Formadores – Descobrimos a outra economia que já acontece – Brasília: MTE, SENAES, FBES, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Relatório conciso. UNESCO, 2011. [on line] Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001911/191186por.pdf>. Acesso em: 10 de set de 2011.

Pesquisa no site <http://www.ifpb.edu.br>. Acesso em 19 de jan 2012.

Pesquisa no site <http://www.grandebrasil.com.br/Brasil/PBParaiba/?Cidade+Santa+Rita+5066>. Acesso em 13 de out 2011.

Pesquisa no site http://www.achetudoeregiao.com.br/PB/santa_rita/historia.htm. Acesso em 13 de out 2011.

Pesquisa no site http://www.iparaiba.com.br/aparaiba/santa_rita.php. Acesso em 13 de out 2011.

Pesquisa no site <http://www.ferias.tur.br/informacoes/5066/santa-rita-pb.html>. Acesso em 13 de out 2011.



www.defainer.com.br

